

A agonia do português em Olivença

Maria de Fátima REZENDE MATIAS

ABSTRACT

This work analyses the state of portuguese language in Olivença, a town by the portuguese/spanish border, under spanish administration since 1801. Having previously studied, in 1970, the bilingualism and language contact, I have already noticed then a considerable degree of linguistic interference between spanish and portuguese and also a crucial symptom of language decline: lack of transmission of the language to the children.

The present research carried *in loco* in 2000 considering as well the language attitudes –extremely unfavourable towards the portuguese- has clearly shown a scenario of language loss. Spoken only among the elderly, without any written form to make it more valuable, full of spanish interference, the portuguese language is dying.

Keywords: bilingualism, language contact, language loss, language shift, language attitudes, linguistic interference.

1. OBJECTIVOS E METODOLOGIA

Este trabalho tem como principal objectivo analisar a situação actual da língua portuguesa em Olivença. Na década de setenta, num trabalho de carácter sociolinguístico sobre linguagens fronteiriças ¹, procedi ao estudo do português de Olivença, tendo verificado que, em consequência do contacto

¹ Matias, Maria de Fátima Rezende (1984): *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*, Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XVIII e XIX, Coimbra.

de línguas aí existente, o idioma luso apresentava já muitas interferências do espanhol, detectando-se fortes indícios de risco de sobrevivência.

Assumindo como provável o desaparecimento do português nesta região, trinta anos depois², levei a cabo pesquisas de campo, através da observação-participante e recorrendo a entrevistas directas e por telefone. Fez-se também a auscultação das atitudes do falante para com as duas línguas em confronto —o português e o castelhano— por se entender que os juízos de valor dos utentes influenciam o seu comportamento linguístico, determinando em boa parte o futuro das línguas³.

2. A TERRA E AS GENTES: NO PASSADO E NA ACTUALIDADE

Olivença fica situada na margem esquerda do rio Guadiana, a vinte quilómetros de Elvas e a vinte e quatro de Badajoz, ocupando, como o restante Alentejo e a Estremadura Espanhola, a parte meridional da Meseta Ibérica, constituída essencialmente por terrenos arcaicos e primários⁴.

Inserida numa região escassamente povoada, com condições climatéricas pouco favoráveis —verões muito quentes, invernos rigorosos, grandes amplitudes térmicas e fraca pluviosidade⁵— as actividades predominantes da povoação têm sido, ao longo dos séculos, a agricultura e a criação de gado⁶.

Tal como nos concelhos vizinhos de toda a zona fronteiriça, de fisionomia paisagística semelhante —peneplanície com povoamento de tipo aglomerado— a agricultura é itinerante, extensiva, de regime latifundiário,

² Lieberman, Stanley (1980): «Procedures for improving sociolinguistic surveys of language maintenance and language shifts», *International Journal of the Sociology of Language*, 25, The Hague/Paris/New York, Mouton, p. 13: «(...) the ideal solution for studying the dynamics of language behavior calls for surveys conducted at two or more different times in the same setting»

³ Baker, Colin (1995): *Attitudes and language*, Clevedon/Philadelphia/Adelaide, *Multilingual Matters*, p. 16: «(...) attitudes may be better predictors of future behaviour than observation of current behaviour»

⁴ Girão, A. Amorim (1949-1951): *Geografia de Portugal*, Porto, p. 21 e 47.

⁵ Sá, Mário de Vasconcelos e (1928): «Condições geográficas», in Damião Peres (dir): *História de Portugal*, I, Barcelos, pp. 47-48; Girão, Amorim (1933): *Esboço de uma carta regional de Portugal*, Coimbra, pp. 118-119.

⁶ Cabral, F. Caldeira (1963): «Alentejo: geografia humana e económica: agricultura e criação de gado», in *Verbo. Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, I, Lisboa, 1108-1110; Campesino Fernández, A. e Ferrera Martínez, M. (1989): «Olivenza y la articulación de su espacio comarcal fronterizo», *Encuentros. Revista hispano-portuguesa de Investigadores en Ciencias Humanas y Sociales*, I, Olivenza, p. 53.

feita maioritariamente por assalariados rurais⁷. Esta condição do camponês oliventino cedo o levou a procurar trabalho, onde e quando o havia, nas propriedades da região, *herdades* ou *finças*, como de resto aconteceu com os seus congéneres de Campo Maior, Elvas, Alandroal, Alburquerque, Al-mendralejo ou Jerez de los Caballeros.

Na verdade, pode dizer-se que os habitantes desta faixa fronteiriça, impregnados do meio telúrico que os rodeia, partilham, desde tempos remotos, formas de ser e de estar no mundo, evidenciando claramente as afinidades de uma área, onde as semelhanças se afirmam mais fortes que as diferenças.

Nas fainas do campo, os sistemas tradicionais, como a *debulha com cobra de éguas* ou *cobra de caballería*, o trilho, o arado de garganta, o domínio dos muares e o recurso aos *sombrachos*, para abrigo dos calores estivais, são comuns a toda a região⁸. Mas outras coincidências se notam: no vestuário, sobretudo do homem, assumindo pitorescas feições no traje do pastor (safões e pelico feitos de pele de ovelha); na alimentação, bastando recordar a *ôlha*, o *caspacho* ou *gaspacho* e as *perrunilhas*; em matéria de folgedos, encabeceados pelas touradas e feiras e uma ou outra romaria, com seus *balhos*, onde não faltam pandeiretas e castanholas; em certas formas de olaria, de que as *talhas* alentejanas, de dimensões gigantescas, usadas principalmente para vinho, são testemunho, constituindo, com as similares *tinajjas* do interior e sul de Espanha, uma herança mediterrânica⁹.

Mencionarei ainda os materiais de construção — a taipa, o adobe e o tijolo — os mais utilizados na arquitectura popular e até em construções públicas (as muralhas de Badajoz e Cáceres, assim como a igreja de Nossa Senhora da Enxara, entre Ouguela e Campo Maior, são de taipa). Com efeito, nos recortes artísticos do tijolo, na chamada *civilização do barro*, espelha-se a influência muçulmana¹⁰, que também neste ponto irmana duas regiões, separadas por fronteiras políticas, mas unidas por traços indeléveis de uma cultura árabe que lhes foi comum.

Outras vicissitudes histórico-culturais contribuíram para sedimentar o ancestral convívio entre as populações fronteiriças. Embora em 1297, pelo

⁷ Ribeiro, Orlando (1961): *Geografia e Civilização. Temas portugueses*, Lisboa, p. 92; Idem (1940): «Villages et communautés rurales au Portugal», in *Biblos*, XVI, p. 423.

⁸ Picão, José da Silva (1947): *Através dos campos. Usos e costumes agrícola-alentejanos (concelho de Elvas)*, Lisboa, pp. 335-343; Dias, Jorge (1963): «Alfaia agrícola», in Joel Serrão (dir): *Dicionário de História de Portugal*, I, Lisboa, pp. 93-94; Idem (1963): «Arado», *ibidem*, pp. 171-172.

⁹ Ribeiro, Orlando (1961): *Geografia e Civilização. Temas portugueses*, Lisboa, pp. 70-77.

¹⁰ Idem, *ibidem*, pp. 29-55.

tratado de Alcañices, Olivença, Campo Maior e Ouguela tenham sido integradas no Reino de Portugal, em boa verdade, do ponto de vista eclesiástico, continuaram ligadas ao bispado de Badajoz, aparecendo consignadas como sua pertença, em documentos episcopais de 1352 e de 1353, sendo definitivamente retiradas da sua jurisdição apenas em 1444¹¹.

Por outro lado, convém igualmente recordar o papel desempenhado pelo Senhorio de Albuquerque, um dos mais vastos potentados peninsulares da Idade Média, cujos senhores, como grandes magnates feudais, dispunham de plenos poderes nos seus extensos domínios, que se dilatavam pela Estremadura portuguesa, terras de Zamora e Salamanca, e, principalmente, pela Estremadura espanhola (região de Medellín, Albuquerque, Alconchel e Barcarrota). As relações deste Senhorio com a Coroa portuguesa, ao longo do século XIII e princípios do século XIV, foram tão estreitas que a dedicação do segundo D. João Afonso, ao rei D. Dinis, o levou a legar-lhe, em testamento, o castelo de Albuquerque¹². Nesta perspectiva, tendo em conta o ambiente amistoso, que por largos anos vigorou entre Portugal e o referido Senhorio, não custa admitir que os limites dos reinos peninsulares, nesta região, tivessem durante esse período carácter bastante frouxo, facilitando o intercâmbio entre as gentes da raia.

Esta situação deve ter-se modificado bastante, após a subida de Afonso IV ao trono, com as lutas entre este soberano português e Afonso Sanches, o bastardo preferido de D. Dinis, e mais tarde, cerca de 1330, quando o terceiro D. João Afonso de Albuquerque se põe ao serviço do rei de Castela¹³. Por esta altura, surgem-nos, como guardas avançadas da fronteira portuguesa, Ouguela, Campo Maior, Elvas e Olivença, e é sobretudo a partir de então que os episódios bélicos se sucedem, tornando-se esta zona o palco eleito dos conflitos peninsulares.

Olivença, no ambiente de tensão, que durante séculos vigorou entre os dois reinos, estava pois de costas voltadas para Espanha. Fortes laços comerciais, afectivos e de lazer ligavam-na a Elvas, Juromenha, Vila Viçosa, Estremoz e Campo Maior. Neste contexto, facilmente se poderá imaginar o que terá significado para a população oliventina a anexação espanhola, sofrida com a Campanha de 1801.

Embora, em 1815, se tenha restabelecido a paz e, com a assinatura do tratado de Viena, Fernando VII de Espanha devesse ter devolvido Oli-

¹¹ Sequeira, Gustavo de Matos e Júnior, Rocha (1924): *Olivença*, Lisboa, pp. 104-105.

¹² Rodríguez Amaya, Esteban (1949): «Don Juan Alfonso de Albuquerque, canceller de D. Pedro el Cruel», in *Revista de Estudios Extremeños*, V, Badajoz, pp. 180-192 e 241-245.

¹³ *Idem, ibidem*, pp. 174-175.

vença, tal não aconteceu¹⁴. Na verdade, portuguesa *de direito*, Olivença está *de facto* há duzentos anos sob administração espanhola. E o tempo não passa impunemente sobre as pessoas e as coisas. Como é usual em situações deste género, teve lugar uma constante e intensa colonização cultural. Assim, logo no primeiro quartel do século XIX, inicia-se a escolarização em castelhano, desencadeando-se, simultaneamente, o processo de fragilização da língua portuguesa, que se vê banida dos sectores com prestígio: a Administração Pública, a Educação, a Igreja, os *mass media*¹⁵.

Com o mesmo objectivo, espanhóis de diversas procedências foram colocados em Olivença como professores, polícias, funcionários públicos e, em simultâneo, habilmente se espalharam os oliventinos por várias regiões de Espanha, concretizando, deste modo, uma acção de neutralização de diferenças.

Intelectualmente moldados por uma educação exclusivamente castelhana, que negligenciou o seu passado lusitano, diariamente invadidos pela força niveladora dos *media*, atraídos pelas vantagens económicas que a cultura espanhola lhes foi proporcionando, os oliventinos, com a omissão de Portugal¹⁶ renderam-se pouco a pouco à teia da castelhanização. Hoje, maioritariamente, sentem-se espanhóis e falam predominantemente castelhano.

3. A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE OLIVENÇA

Duzentos anos de espanholização mudaram radicalmente a paisagem linguística de Olivença. Tal como os elos que a ligavam a Portugal foram pouco a pouco enfraquecendo (recorde-se que para ir de Olivença a Elvas se tinha de passar por Badajoz)¹⁷, também ao substrato linguístico portu-

¹⁴ Sobre o problema histórico-político de Olivença, vejam-se: Almeida, Fortunato (1926): *História de Portugal*, IV, Coimbra, pp. 464-467; Peres, Damião (1934): «Fim da guerra peninsular: a paz geral» in Damião Peres (dir): *História de Portugal*, VI, Barcelos, pp. 355-360; Veloso, Queirós (1939): *Como perdemos Olivença*, Lisboa.

¹⁵ Weinreich, Uriel (1968): «Unilinguisme et multilinguisme», in André Martinet (dir): *Le langage*, Paris, Gallimard, p. 679: «Quand une langue est exclue de certaines fonctions génératrices de prestige, tel l'emploi officiel dans les affaires du gouvernement, il en résulte une dévaluation de cette langue qui n'oppose plus d'obstacles aux interférences et laisse se perpétuer les innovations introduites par les bilingues».

¹⁶ Contam-se, entre as excepções, o duque de Palmela, D. Pedro de Sousa e Holstein, o Grupo dos Amigos de Olivença e o Comité Olivença Portuguesa de Estremoz.

¹⁷ Antes da anexação, o trânsito de pessoas e coisas fazia-se pela ponte da Ajuda, sobre o Guadiana, através de uma barca, cujas despesas e lucros eram repartidos pelos concelhos de Elvas e Olivença. Cf. Sequeira, Matos e Júnior, Rocha (1924): *Olivença*, Lisboa, pp. 263-271.

guês se foi gradualmente sobrepondo o castelhano, através de um longo período de bilinguismo de contornos pouco claros, já que sobre ele escasseiam as informações.

Em breve apontamento do final do século XIX, Leite de Vasconcelos¹⁸ refere-se a Olivença como povoação bilingue, mencionando já alguns traços de interferência linguística espanhola no português, fruto do contacto de línguas. Para além do *yeísmo*, fenómeno que consiste na «pronunciación de la *ll* como *y*»¹⁹ e que, não sendo exclusivo do castelhano, abrange boa parte do espanhol peninsular, apresenta alguns espanholismos lexicais, mas, curiosamente, afirma que «Quando numa família, em que o pai ou a mãe têm origem portuguesa, se ensinam por acaso os filhos a falar habitualmente o espanhol, as outras famílias de origem portuguesa censuram aquela».

Aproximadamente trinta anos depois, Matos Sequeira e Rocha Júnior, no livro que dedicaram a Olivença, fazem a propósito da classe alta a seguinte afirmação: «É a curiosidade de ouvi-los reside em que, no calor da discussão, saltam insensivelmente dum para outro idioma». Aludem, contudo, às aldeias do concelho como povoações, onde «tanto a língua como as usanças castelhanas continuam sendo absolutamente estrangeiras»²⁰. Estes autores fornecem algumas informações sobre o modo como se propagou a língua oficial, evidenciando já uma diferenciação diastrática e diatópica, comum à maioria dos processos de bilinguismo, em qualquer tempo e em qualquer espaço, como refere Louis-Jean Calvet: «Le premier stade de la glottophagie (...) était en quelque sorte un stade vertical: la différenciation linguistique s'y manifestait essentiellement en termes de classes sociales, le recul de la langue dominée commençant par la cour, la noblesse locale, la bourgeoisie et, dans une moindre mesure, les domestiques et quelques commerçants. (...) Le second stade est plutôt «horizontal» (...) selon une échelle géographique: la ville contre la campagne»²¹.

¹⁸ Vasconcelos, J. Leite (1890-1892): «O português de Olivença», in *Revista Lusitana*, II, Porto, pp. 347-349.

¹⁹ Sobre este fenómeno, suas características, cronologia e extensão, vejam-se: Alonso, Amado (1951): «La “ll” y sus alteraciones en España y América», in *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, II, Madrid, pp. 41-89; Matias, Maria de Fátima Rezende (1984): *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola*, Coimbra, pp. 153-156.

²⁰ Sequeira, Matos e Júnior, Rocha (1924): *Olivença*, Lisboa, p. 248.

²¹ Calvet, Louis-Jean (1988): *Linguistique et colonialisme. Petit traité de glottophagie*, Paris, Payot, p. 72; Appel, René e Muysken, Pieter (1997): *Language contact and bilingualism*, London, Arnold, p. 36: «Urban-rural differences are important in the analysis of language shift as well. Generally, rural groups tend to preserve a minority language much longer than urban groups».

Não foi, porém, esta a situação que encontrei, na década de setenta, quando procedi a pesquisas de carácter sociolinguístico na região. As oposições *cidade bilingue/campo monolingue* e *estrato alto bilingue/restantes camadas monolinguês* já não se verificavam. O bilinguismo atingira todos os sectores da população, tanto na cidade como no campo. Era surpreendente, nas aldeias e nos estratos desfavorecidos da sede do concelho, a facilidade atrás mencionada de «saltar» de uma língua para a outra.

Mas não se assistia apenas ao avanço generalizado do castelhano, estava também em curso a regressão do português: as crianças e os jovens não o falavam, entendendo-o mesmo com certa dificuldade. Deixando de ensinar aos seus filhos o idioma luso, os oliventinos lançavam a semente do colapso desta língua na sua terra, pois como se sabe «languages which are no longer being learned as a mother tongue by children are said to be moribund»²². Esta atitude, cujos motivos adiante procuro clarificar, constituindo um inquietante sintoma de declínio do português, contribuiu decisivamente para o monolinguismo de feição castelhana, que dentro de duas ou três décadas se irá instalar em Olivença.

A análise da situação linguística actual, feita através de pesquisa de campo no ano 2000, corrobora inteiramente o sentido da mudança, que o estudo efectuado nos anos setenta deixou entrever. Foi, sem dúvida, a decisão de não passar à geração seguinte o idioma de Camões que, colocando-o em risco de sobrevivência, comprometeu irreversivelmente o seu futuro na região²³. Hoje, confinado às camadas mais velhas da população, que, bilingues, o falam apenas entre si, o português de Olivença está moribundo, correndo sério risco de ir engrossar o caudal das línguas, que todos os anos morrem²⁴, nos territórios que as viram florescer.

²² Crystal, David (2000): *Language death*, Cambridge, University Press, p. 20; Edwards, John (1985): *Language, society and identity*, Oxford, Blackwell, p. 50: «The most familiar process by which death occurs is lack of transmission of an original language from parents to children».

²³ Denison, Norman (1977): «Language death or language suicide?» in *International Journal of the Sociology of language*, 12, p. 21: «(...) the direct cause of *language death* is seen to be social and psychological: parents cease transmitting the language in question to their offspring (...) there comes a point when multilingual parents no longer consider it necessary or worthwhile for the future of their children to communicate with them in a low-prestige language variety, and when children are no longer motivated to acquire competence in a language which is lacking in positive connotations such as youth, modernity, technical skills, material success, education. The languages at the lower end of the prestige scale retreat from ever increasing areas of their earlier functional domains, displaced by higher prestige languages, until there is nothing left for them appropriately to be used about. In this sense they may be said to *commit suicide*».

²⁴ A este respeito, veja-se o excelente livro de Crystal, David (2000): *Language death*, Cambridge, University Press.

4. A AGONIA DO PORTUGUÊS

De acordo com a classificação dos dialectos galego-portugueses, proposta por Lindley Cintra²⁵, o português de Olivença faz parte dos *dialectos do centro-interior e do sul*, que constitui uma subdivisão do grupo dos *dialectos portugueses centro-meridionais*. Paiva Boléo e Maria Helena Silva incluem-no no falar «alto-alentejano», à semelhança da divisão proposta por Leite de Vasconcelos, que insere a «variedade de Olivença» no «sub-dialecto alentejano». Trata-se pois de uma variedade dialectal alentejana²⁶.

O trabalho que realizei sobre a linguagem dos concelhos do Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença, evidenciando as afinidades linguísticas de toda esta região (entre as quais se destaca a influência do espanhol estremenho, presente no apreciável grau de yeísmo e no domínio lexical) confirmou a inclusão do português oliventino na variedade alentejana²⁷.

Contudo, em consequência da situação de bilinguismo e contacto de línguas vivida no concelho, o português de Olivença apresentava já características peculiares, fruto da interferência linguística do espanhol. Condicionamentos vários, de teor sociolinguístico, propiciaram uma grande tolerância à influência da língua oficial, constituindo factor determinante a escolarização de matiz exclusivamente castelhano. Na verdade, o desconhecimento do suporte escrito da língua portuguesa contribuiu para o sentimento de inferioridade, relativamente a este instrumento de comunicação, detectado em muitos oliventinos. As atitudes do falante, a este respeito muito claras, consideravam o português local um «chaporrêo», uma forma corrupta de falar, uma linguagem desajeitada. Linguística e socialmente desprestigiado, porque ausente da Instituição escolar, da Administração pública, da Igreja e dos *media*²⁸, rapidamente se identificou com a ruralidade e o analfabetismo, como se fosse o eco do passado, com toda a carga

²⁵ Cintra, L. Filipe Lindley (1971): «Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses», in *Boletim de Filologia*, XXII, Lisboa, 81-116.

²⁶ Boléo, M. Paiva e Silva, M. Helena (1961): «O “Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental”», sep. do *Boletim de Filologia*, XX, Lisboa.

²⁷ Matias, M. Fátima Rezende (1984): *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola*, Coimbra.

²⁸ Dressler, Wolfgang e Wodak-Leodolter, Ruth (1977): «Language preservation and language death in Brittany», in *International Journal of the Sociology of Language*, 12, p. 36; Crystal, David (2000): ob. cit., p. 83: «People find they have fewer opportunities to use their language, because it has been officially marginalized. It is not found in official domains, such as the local offices of the civil service and the local banks. It is not found in the media. It is not found as the language of higher education».

negativa das duras condições de vida, que os relatos dos mais velhos recordavam.

E à medida que o português ia perdendo prestígio, domínios e funções, o castelhano, veículo de promoção social²⁹, ganhava terreno. Na verdade, só a competência oral e escrita nesta língua permitia grangear bons empregos. Estabeleceu-se assim uma íntima correlação entre língua portuguesa e esfera popular e rural, por um lado, e língua espanhola e classes económica e culturalmente privilegiadas, por outro. Não se podendo isolar as questões linguísticas do contexto sociopolítico em que se inserem, é compreensível que o precário estatuto social do português em Olivença tenha motivado o seu declínio.

A auscultação das atitudes do falante, através do método directo³⁰, junto de trinta e seis inquiridos, dezoito homens e dezoito mulheres, equitativamente distribuídos por três camadas etárias (25-39; 40-59; 60 e mais) e três níveis de instrução (básico, médio e superior), mostrou por esmagadora maioria, que 95% dos oliventinos gosta mais do castelhano que do português, que considera *antigo, incorrecto, sem utilidade*, perante um castelhano *bonito, moderno, importante e útil*.

Também relativamente ao previsível desaparecimento do português de Olivença se verificou uma quase unanimidade de opiniões. Com efeito, só dois inquiridos se mostraram preocupados com esta perda, que lamentaram. Para os restantes, a morte desta língua na sua terra é necessária, para a construção dum futuro melhor, que só o bom domínio do castelhano garante. A rejeição do português atingiu maior veemência no sexo feminino, o que está em sintonia com estudos similares que apresentam as mulheres na liderança da adesão à língua oficial³¹.

Constituindo as atitudes do falante factor decisivo do futuro das línguas, sobretudo quando está em risco a sua sobrevivência³², um quadro tão des-

²⁹ Dorian, Nancy (1982): «Language loss and maintenance in language contact situations», in R. Lambert e B. Freed (eds.): *The loss of language skills*, Rowley, Mass., Newbury House, p. 47: «language loyalty persists as long as the economic and social circumstances are conducive to it, but if some other language proves to have greater value, a shift to that other language begins»; Appel, R. e Muysken, P.: *ob. cit.*, p. 32: «(...) in many bilingual communities (...) they adopt the majority language (...) because they expect that speaking that language gives better chances for upward social mobility and economic success».

³⁰ Foram colocadas as seguintes questões: 1) De que língua gosta mais e porquê? 2) O que acha do português de Olivença? 3) Confinado à geração mais velha, deixará de ser falado brevemente. Como encara esta perda?

³¹ Edwards, John (1985): *Language, society and identity*, Oxford, Blackwell, p. 72.

³² Cf. Baker, Colin (1995): *Attitudes and language*, Clevedon, Philadelphia e Adelaide, Multilingual Matters e bibliografia aí citada; Crystal, David (2000): *Language death*, Cambridge, University Press, p. 81: «Languages decline when positive attitudes are missing».

favorável poderá, talvez, ajudar a explicar a situação agonizante do idioma luso em Olivença.

São, de facto, muitas e complexas as razões, que conduzem à morte de um idioma num determinado território³³, tal como variam, de autor para autor, os diferentes níveis de risco a ter em conta, na construção de tabelas classificativas³⁴. Assim, Michael Krauss considera que há línguas *fora de perigo, em perigo, moribundas e extintas*. Stephen Wurm, por seu turno, propõe uma tabela com cinco níveis, direccionada exclusivamente para as situações de risco. Segundo este autor, as línguas ameaçadas podem estar: *potencialmente em risco* – social e economicamente em desvantagem, sofrendo pressão da língua maioritária e começando a perder falantes infantis; *em risco* – com poucas ou nenhuma crianças a falá-las, sendo os falantes mais novos adultos jovens; *seriamente em perigo* – os seus falantes têm cinquenta anos ou mais; *moribundas* – têm apenas um punhado de falantes, em regra muito velhos; *extintas* – sem falantes.

De acordo com estas tabelas classificativas, o português de Olivença está *seriamente em risco*, para S. Wurm, e *moribundo*, para M. Krauss. Com efeito, na pesquisa realizada, os seguintes aspectos evidenciam uma situação de agonia linguística:

- Ausência de falantes monolíngues³⁵;
- Língua confinada à geração mais velha, com escassa ou nenhuma competência passiva nas restantes camadas etárias³⁶;
- Uso quase exclusivamente doméstico e conseqüente monoestilismo³⁷;
- Frequente mudança para o castelhano, no meio do discurso em português, raramente ocorrendo o inverso;
- Ampla interferência linguística do idioma dominante.

O processo de morte linguística passa pela gradual perda de fluência nessa língua, em parte motivada pela presença invasiva da língua maioritária. Assim, relativamente à fonética, abundam as interferências. Con-

³³ Edwards, John: *ob cit.*, p. 52: «The factors in the decline of languages are many and varied (...)»; Crystal, David: *ob. cit.*, pp. 68-90.

³⁴ Idem, *ibidem*, pp. 20-21.

³⁵ Edwards, John (1985): *Language, society and identity*, Oxford, Blackwell, p. 71: «When a language possesses no more monoglots, the process of decline has very often begun».

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 71.

³⁷ Appel, René e Muysken, Pieter (1997): *Language contact and bilingualism*, London, Arnold, pp. 44-45.

frontando a pesquisa de 1970 com a actual, verificou-se um acréscimo significativo dos seguintes fenómenos³⁸:

- aspiração e supressão de -s final de sílaba e de palavra: *atráh* ‘atrás’, *Liboa* ‘Lisboa’, *dôcih* ‘doces’, *casa* ‘casas’; hcreve ‘escreve’;
- supressão de -r final: *lavá* ‘lavar’, *mudjé* ‘mulher’, *amô* ‘amor’;
- yeísmo, com alternância entre y e dj: *abeya* e *abedja* ‘abelha’, *mayo* e *madjo* ‘malho’, *fiya* e *fidja* ‘filha’;
- realização de /v/ como [b], traço linguístico característico dos falares do norte de Portugal e ausente da variedade dialectal alentejana: *barrer* ‘varrer’, *biage* ‘viagem’, *cabalo* ‘cavalo’; a par de realizações de /b/ como [v], manifestando a insegurança linguística dos falantes: *fevri* ‘febre’, *enviçã* ‘ambição’, *vívora* ‘víbora’;
- presença dos fonemas /ç/ e /x/: *ançã* ‘larga’, esp. *ancha*, *coçi* ‘automóvel’, esp. *coche*, *xefi* ‘chefe’, esp. *jefe*, *xitano* ‘cigano’, esp. *gitano*;
- síncope de -d- intervocálico: *arao* ‘arado’, *levantao* ‘levantado’, *bria* ‘brida, rédeas’.

Também no domínio da morfologia é grande a influência espanhola³⁹:

- artigos: *lo*, *la*, *uno*, *una*, ‘o’, ‘a’, ‘um’, ‘uma’;
- substantivos e adjectivos: com género diferente, *o arvo* ‘a árvore’, *o viage* ‘a viagem’, *a risa* ‘o riso’; com diferente formação de plural, *ancianos* ‘anciãos’, *animalis* ‘animais’, *cristianos* ‘cristãos’, *funilis* ‘funis’;
- pronomes e adjectivos determinativos: *yo* e *yeu* ‘eu’, *esto* ‘isto’, *esso* ‘isso’, *todo* ‘tudo’, *qualquera* ‘qualquer’;
- advérbios e locuções adverbiais: *adji* ‘ali’, *temprano* ‘cedo’, *tampoco* ‘também não’, *pronto* ‘depressa’.

De igual modo, se espanholizou a sintaxe⁴⁰. Como exemplos apontarei a antecipação dos pronomes às formas verbais (*os trazem num coche* ‘trazem-nos num automóvel’; *le dêto pimenta* ‘deito-lhe pimenta’; *lhos di* ‘dei-lhos’), a posposição dos adjectivos demonstrativos em relação ao

³⁸ Sobre estes fenómenos e respectiva bibliografia, veja-se Matias, Maria de Fátima Rezende (1984): *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola*, Coimbra, pp. 136-158.

³⁹ Idem, *ibidem*, pp. 160-164, 167-170 e 177-181.

⁴⁰ Idem, *ibidem*, pp. 193-206.

substantivo (*o cesto aquele* ‘aquele cesto’, *a mesa esta* ‘esta mesa’) e a substituição do imperfeito do conjuntivo pelo mais-que-perfeito do indicativo (*se fôramos a aventar* ‘se fôssemos deitar fora’, *se o ninho cantara* ‘se o menino cantasse’).

Mas foi sobretudo o léxico, o sector da língua onde melhor se espelha a realidade extra-linguística, que sofreu mais profundo dano. Muitas palavras caíram no esquecimento, gradualmente substituídas pelas correspondentes espanholas. E este processo não atingiu apenas as palavras comuns, as do intercâmbio diário (já nem mencionando os nomes das *coisas novas*, todos eles, evidentemente, castelhanos). Mesmo as palavras das *coisas antigas*, os nomes das plantas, dos animais, das *alfaias agrícolas*, as *ladainhas religiosas* se deixaram espanholizar. Alguns exemplos: *chispear* ‘chuviscar’, esp. *chispear*, *fresa* ‘morango’, esp. *fresa*, *guelondrina* ‘andorinha’, esp. *golondrina*, *membrilho* ‘marmelo’, esp. *membrillo*, *molisna* ‘chuva miúda’, esp. *mollizna*, *orilha* ‘margem do rio’, esp. *orilla*, *remolacha* ‘beterraba’, esp. *remolacha*.

A língua dominante invadiu as ruas, as casas, os nomes e as pessoas. Orgulhosa, altifalante, espaçosa e forte como uma maré cheia, inundou quase tudo. O que resta em Olivença do idioma luso é a sombra tímida, envergonhada, de uma língua que os oliventinos não puderam ou não quiseram preservar.

A morte do português em Olivença constituirá um lamentável empobrecimento do património cultural da região, pois como afirma Marianne Mithun: «The loss of languages is tragic precisely because they are not interchangeable, precisely because they represent the distillation of the thoughts and communication of a people over their entire history»⁴¹.

⁴¹ Mithun, Marianne (1998): «The significance of diversity in language endangerment and preservation» in Lenore Grenoble e Lindsay Whaley (eds): *Endangered languages: current issues and future prospects*, Cambridge, University Press.